

AQUELES QUE DIZEM NÃO EM FLORIPA

Camila Harger¹, Barbosa Fátima Costa de Lima²

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Teatro/ CEART – bolsista PROBIC-Af.

² Fátima Costa de Lima, DAC/ CEART – costadelimafatima@gmail.com.

Palavras-chave: Formação de público. Teatro na rua. Resistência. Bertolt Brecht.

O presente estudo se propõe a refletir sobre o papel do artista diante do desafio da popularização do teatro atual. Usando como estudo de caso o espetáculo “A Gota Que Faltava”, um musical de rua encenado pelo jovem grupo *Aqueles Que Dizem Não*TM, o qual participo como diretora. Problematizo as escolhas e recursos estéticos usados na cena e no trabalho da direção, em busca por uma formação de público em Floripa e na consolidação de um grupo que se propõe a fazer teatro, político e independente. O grupo buscava um espetáculo que despertasse a tomada de consciência sobre as questões da mulher e minorias sociais na sociedade de classes e que, ao mesmo tempo, usasse uma linguagem acessível e atraente a todo o tipo de público. Desafiámo-nos a propor um teatro brasileiro, que se voltasse (novamente) ao grande público, como entretenimento, com qualidade e com conteúdo popular. Encenando uma leitura atual do mito de *Medéia*, resgatamos a tragédia helênica imortalizada por Eurípedes em 431 a.C. em um musical de rua. Em conexão com a produção teatral brasileira, inspiramo-nos também nas canções e obra *Gota D’Água* de Chico Buarque e Paulo Pontes (1977). A temática central da nossa fábula conta a história do sambista/herói Jasão, que abandona seu lar por uma oportunidade de sucesso. Diferenciando-se das encenações anteriores, *A Gota Que Faltava* traz como marco zero o filicídio materno. Alertando o público sobre o destino de seus personagens, em busca de uma perspectiva matriarcal, a obra arquiteta em imagens o questionamento sobre a possibilidade de escolha que vem sendo oferecida a mulher milenarmente. Na concepção do trabalho partimos dos estudos estéticos de Bertolt Brecht e dos ensaios do filósofo e crítico de arte Walter Benjamin dos anos 1930, sobre tudo no que diz respeito ao teatro épico dialético como gênero teatral. Nos servindo de uma perspectiva histórica, o conteúdo formal apresentado interfere no posicionamento do trabalho, no mesmo passo em que o conteúdo textual de cunho político. Nos remetemos à atualidade dos ritmos populares remanescentes na cultura contemporânea vivida na rua, como o funk carioca, o coco de roda, as batalhas de MC’s e a dança de orixás. Como estratégia de aproximação do público, nossa concepção de espaço foi pensada para a rua e espaços alternativos. Procuramos transportar espaços de vivência do universo cotidiano para o universo ficcional. Nossas cenas trabalham em simultaneidade multifocal, isto é, há sempre uma cena com o foco principal, entretanto, os demais núcleos possuem ações contínuas. Há mais de um nível de atuação presente, e o jogo entre ficção e realidade se torna aparente, com o intuito de provocar no raciocínio do espectador a atenção às múltiplas esferas presentes em cena, relacionando a ficção e a realidade. Procuramos na estética de Brecht e Benjamin uma apresentação do mundo não como ilustração, mas como comentário crítico.



Fig. 1 Apresentação no CEART, UDESC 10/05/2016.



Fig. 2 Apresentação na Ocupa Minc SC, Largo da Alfândega 26/05/2016.